

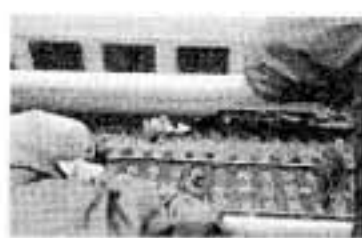
3. Ambulância furou barreira, quatro mortes

A condutora de uma ambulância decidiu furar as cancelas e não respeitar os avisos sonoros numa passagem de nível em Leiria. Morreu, juntamente com os três ocupantes.

645 euros valor da coima para quem não respeite sinalização

4. Colhida por comboio em Coimbrões

Jovem de 16 anos foi mortalmente colhida por um comboio Intercidades, em Janeiro de 2008, quando atravessava a linha, junto ao apeadeiro de Coimbrões, em Gaia.



Há quem arrisque andar junto à linha

5. Atravessou a linha a falar ao telemóvel

No início de Janeiro de 2008, uma jovem de 19 anos foi mortalmente colhida por um comboio na estação de Aigualva-Cacém quando atravessava a linha a falar ao telemóvel.



Pedro Miguel perdeu os avós, um primo e três vizinhos no acidente de 1 de Setembro

Único sobrevivente não recorda acidente

Viatura onde seguiam sete pessoas foi colhida numa passagem de nível pelo comboio que vinha da Régua

BAIÃO

ANTÓNIO ORLANDO
societade@jn.pt

Pedro Miguel, 16 anos, não se lembra de nada do que se passou na madrugada do dia 1 de Setembro, na passagem de nível da Ponte das Quebradas, em Baião. O comboio que seguia em direcção ao Porto, a partir da Régua, cruzou-se fatalmente com o Mercedes que

o levaria até Baião para apanhar uma excursão a Fátima.

Os companheiros de viagem morreram todos, seis no total, esmagados pelo comboio: avós, primo Marco Soares, presidente da junta e dois vizinhos. Quatro meses depois, Pedro Miguel voltou a frequentar a escola. Fisicamente está bem. Psicologicamente não estará. Sobre o acidente não quer falar. "Simplesmente não gosto", diz. Clínicamente, Pedro Miguel teve uma amnésia. "Lembro-me apenas

de chegar ali em baixo. Aí 200 metros antes da passagem de nível. E depois de estar no hospital. Pensava que estava no hospital do Marco. Só depois é que me disseram que estava no S. João", explica, com um tímido sorriso.

O jovem frequenta a mesma escola onde estudava o primo Marco Soares - a Escola Profissional de Desenvolvimento Rural do Rodó, no Peso da Régua. Ambos aprendiam técnicas de cozinha em turmas separadas. O Marco de cozinheiro. O Pedro de pasteleiro. Sem o Marco, mas em memória dele, as duas turmas defrontam-se na próxima quarta-feira para um jogo de futebol escolar. As camisolas dos equipamentos já estão prontas e vão ter o rosto do malogrado Marco.

A passagem de nível da Ponte das Quebradas localiza-se a meio de uma encosta que, em tempos, foi de servidão e que, mais tarde, foi parcialmente empedrada transformando-se no "caminho das Carvalhas". É muito perigosa, sobretudo para quem sobe em direcção a Baião, devido à reduzida visibilidade. Quem conduz só consegue ver o comboio quando a viatura está em cima da linha.

A única novidade desde o acidente foi a colocação de um sinal de abrandamento de marcha do comboio para os 50km/h no sentido Régua-Porto. O resto está igual. Continua estreita a largura da passagem de nível. "Mais meio metro de madeira no chão e reduzia-se o perigo. Já lá fiquei preso. Não ganhei para o susto", conta, José Maria Cardoso, morador no lugar. Dezoito dias depois do acidente, o Governo expropriou o terreno para a construção de um passagem de nível desnivelada. ■



Armandina Adão escapou por pouco a um acidente na Linha do Vouga

"Maquinista até pôs as mãos à cabeça"

AVEIRO

JESUS ZING
jesus.zing@jn.pt

Já foi há alguns anos. Quatro, precisamente. Na memória apenas a recordação: "Vinha com a minha nora de jipe, tínhamos ido à igreja, não vínhamos a automotora e foi mesmo resvés. O maquinista pôs as mãos à cabeça, muito aflito. A minha nora, em vez de fazer marcha atrás, desligou e o jipe foi devagarinho", contou ao JN Armandina Adão, 61 anos, de Eixo (Aveiro), que ainda não sabe hoje como não foi uma das vítimas da passagem de nível sem guarda da Linha do

Vouga, em Eixo, perto da estação.

Com mais de 150 passagens de nível, a Linha do Vouga - que vai de Aveiro a Espinho, passando por Águeda e Sernada do Vouga - é hoje uma prioridade para a Refer que tem em curso um plano, até ao próximo ano, de redução de passagens de nível sem guarda.

Uma das mais perigosas, no percurso entre Aveiro e Águeda, é a de Azurva, no acesso ao novo estádio. "Não há semana nenhuma que não haja toques de camiões", conta Agostinho Fernandes, canalizador, que tem família a viver perto da passagem. "Chegou a estar previsto um viaduto, até me tiraram um terreno, mas nada", disse. ■

Há quem prefira saltar o muro

ESTORIL

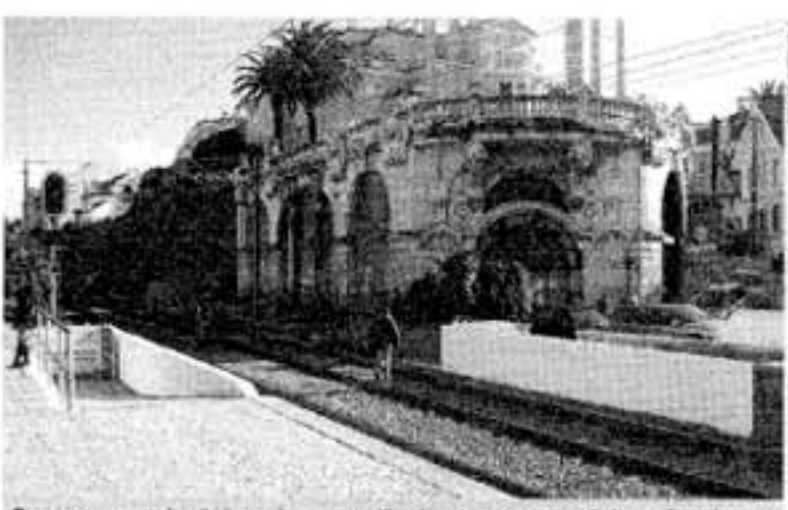
MILENE MATOS SILVA
societade@jn.pt

Encerrada há dois meses, a passagem de nível para peões situada a poente da estação do Estoril continua a ser atravessada por muitos utilizadores que preferem arriscar a vida a ter que se deslocar cerca de 200 metros para aceder à

passagem inferior existente na outra ponta da estação. A travessia pedonal que permitia o acesso da Marginal à Praia da Poça foi responsável por muitas mortes mas, apesar disso, Filipa Trindade considera que "não a deveriam ter encerrado, sem que tivessem criado uma passagem inferior ou superior".

Para Antónia Bastos, moradora no Estoril, os relatos das mortes na linha eram muitos, por isso "a Refer já a deveria ter encerrado há vá-

rios anos". Quanto ao atravessamento da linha-férrea, mesmo depois da construção de um muro com cerca de um metro de altura que impede a passagem, lamenta que haja pessoas que "arriscam a vida só para poupar uns minutos". Para quem salta o muro, as questões de civismo não se colocam. "Fica mais perto, tenho todo o cuidado e coloco apenas a minha vida em risco", adiantou um utilizador que não se quis identificar. ■



Passagem cortada não impede que os utilizadores atravessem a linha no Estoril